

OS GÊNEROS DO DISCURSO NA PRÁTICA DE PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA: IMPLICAÇÕES TEÓRICAS E DIDÁTICAS

NÍVEA ROHLING DA SILVA¹

niveajoi@yahoo.com.br

ABSTRACT

The present article discusses the way the theory of speech genres has been taken into account in the didactic elaborations of written textual production within Portuguese Language (LP), conceived as a school subject. The theoretical-methodological basis inserts itself in the dialogical theory of language of Bakhtin Circle. The research data is composed by written texts (classified ad genre) produced by students of the 7th. year of fundamental school, as well as by notes on the didactic procedures concerning the guidance of the language activities. The results show that it is still noticeable, in the school environment, the persistence of practices based on a perspective of school written composition, in opposition to the notion of textual production, suggested by the PCN's, which point out the speech genres as an effective didactic-methodological object in the author-subject construction of its saying.

INTRODUÇÃO

A área de ensino de língua materna tem passado por mudanças paradigmáticas acentuadas, e, atualmente, encontra-se confusa com relação a sua função na *práxis* educativa. Na escola, é comum ouvir que os alunos não lêem, não interpretam e não possuem mínimas habilidades para construção de texto. Há uma distância entre a língua que os alunos falam e a língua “ensinada” pela escola, as propostas de escritas apresentadas ora pelo professor ora pelos livros didáticos são descontextualizadas e vazias de significado para os estudantes, pois ainda se constroem textos a partir das conhecidas tipologias textuais: descrição, narração e dissertação. Verifica-se uma indefinição com relação aos conteúdos que devem ser priorizados na disciplina de língua portuguesa (doravante LP), e a “pedra no sapato” do professor chama-se produção textual.

Segundo Geraldi (1993), a problemática na produção textual é produto da carência de uma concepção de linguagem que confira significação à produção escrita do aluno, pois é imprescindível a presença de um interlocutor ativo, no entanto, é comum a inexistência, na produção textual escolar, de um interlocutor a quem o aluno possa dirigir sua voz. Sem perspectiva de interlocutor e da percepção das condições de produção, as escritas realizadas no âmbito escolar se mostram “falsas”, sem objetivo, ineficientes na construção da subjetivação do sujeito.

De acordo com Britto (2002), permanece, ainda, com relação à produção de texto alguns pressupostos como: escrever é um dom, o texto literário é o modelo padrão, o aluno deve ser guiado e não incitado, a avaliação centrada na correção gramatical, o texto avaliado tão somente enquanto produto e não processo. Tais práticas estão ainda muito enraizadas na disciplina de LP, e a produção de sentidos no processo enunciativo precisa ser percebida como a unidade básica do ensino em detrimento ao plano gramatical.

A partir da década de 80, iniciou-se um “movimento” teórico com intuito de perceber a linguagem numa abordagem que privilegie a interação. Nesse contexto, a teoria dos gêneros do discurso na linha teórica do Círculo de Bakhtin passou a ser disseminada no Brasil. Atualmente já existem diversos estudos na área, contudo o que se percebe é que ainda não existe uma articulação adequada entre a teoria produzida na academia e o fazer didático.

Diante das problemáticas imbricadas na prática de produção textual no ambiente escolar, este estudo apresenta uma reflexão acerca da maneira como a teoria dos gêneros tem sido interpretada nas aulas de LP. Para tanto, inicialmente é apresentado o percurso metodológico seguido para execução da pesquisa, na seqüência, apresenta-se um breve panorama acerca da concepção de produção textual nas aulas de LP. E, por fim, apresentam-se os resultados da pesquisa a partir da análise da articulação entre os procedimentos didático-pedagógicos na disciplina de LP e as produções textuais escritas de estudantes de ensino fundamental. Salienta-se que esta pesquisa não pretende ser totalizante no sentido de apresentar a “realidade” do ensino de produção textual, contudo pode apresentar indícios das concepções de produção textual inseridas no espaço escolar, mais precisamente no ensino de língua materna.

PERCURSO METODOLÓGICO

Buscou-se, neste trabalho, apreender a forma como a teoria *dos gêneros do discurso* tem sido apreendida nas aulas de LP. Assim, esta pesquisa em como base teórico-metodológica a concepção bakhtiniana de linguagem; e como fundamento metodológico a *ordem metodológica* de cunho sócio-histórico proposta por Bakhtin [Volochínov] (2004, p. 24) para o estudo da linguagem:

1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza;
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação habitual.

A composição dos dados de pesquisa se deu a partir de observações de aulas de LP em uma escola da rede particular de ensino na cidade de Joinville (SC). A análise foi realizada a partir de duas perspectivas: primeiramente, foram analisados documentos de ensino: Coleção de livro didático adotado no ensino fundamental de 5^a a 8^a série e plano de ensino da disciplina de LP do ensino fundamental. Nesse primeiro momento, buscou-se a referência à teoria de gêneros e, principalmente, a maneira como essa proposta é apresentada. Em seguida, foram realizadas observações de aulas de LP com intuito de perceber a relação entre o que está postulado nos documentos de ensino (LD e PE) e os procedimentos didáticos evidenciados nas interações pedagógicas: estudante/professor e estudante/texto, e, ainda, foram analisadas produções de textos escritos de uma turma de 7^a série do EF.

Apesar de todo esse percurso de coleta de dados e análise, neste texto, optou-se por uma delimitação, ou seja, foi selecionada para apresentação deste artigo a análise da articulação entre os procedimentos didáticos (que foram observados pela pesquisadora durante as aulas de LP) e os textos escritos produzidos pelos estudantes.

UM PANORAMA DAS PRÁTICAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

A disciplina de LP tem passado por acentuadas mudanças, parece haver uma indefinição sobre os conteúdos que devem ser ensinados. Segundo Rodrigues (1999), as recentes pesquisas em lingüística aplicada [LA] têm mostrado que o fracasso escolar no ensino de língua tem girado em torno, principalmente, de um ensino-aprendizagem voltado para a questão da metalinguagem, ou para aspectos formais de leitura e da escrita.

Na perspectiva de Rojo (2001), houve um avanço considerável a partir dos estudos da lingüística textual e das teorias de cunho cognitivistas de processamento e memória, trazendo para o centro da discussão o texto como unidade de trabalho. Porém, de acordo com a autora, esses estudos ainda se mostram ineficientes no desenvolvimento de cidadãos capazes de interagir criticamente com os discursos alheios e com o próprio discurso. Isso quer dizer tal “virada pragmática” no ensino de língua ainda não é uma realidade.

Nesse cenário, os PCN's de LP surgem em 1997 constituindo-se documento oficial de ensino, trazendo consigo a característica de ser um norte à prática docente, que era até então delineada pelos materiais didáticos, no ensino fundamental e pelas provas de vestibular, no ensino médio. Esse novo direcionamento foi positivo em face à necessidade de tal documento. Os PCN's priorizam as práticas de leitura, práticas de produção textual e práticas de análise lingüística, mais que priorizar, os

PCN's conferem a esses três eixos o estatuto de conteúdo a serem ensinados nas aulas de LP².

Bonini (2002), em seu artigo intitulado *Metodologias do ensino de produção textual: a perspectiva da enunciação e o papel da Psicolinguística*, recupera o percurso histórico da produção textual em LP a partir dos anos 60. Em termos das orientações para o ensino de produção textual, o autor aponta a existência na atualidade de duas vertentes: interacionista — a produção textual com reprodução de um corpo de tradições de uma comunidade, e enunciativista — entendida como trabalho e exercício de subjetividade na linguagem. Esta tem tido maior acolhimento entre os documentos oficiais. No decorrer do texto o autor menciona a problemática envolvida nas práticas de escrita em sala de aula. Segundo Bonini (2002), recentemente, mais precisamente a partir dos anos 80, houve o que se chamou de virada pragmática, ou seja, buscou-se inserir no contexto escolar a perspectiva de entender a linguagem como um meio em o homem existe e age – eliminando o caráter prescritivista. Passou-se a considerar o texto, e sua enunciação, como a unidade básica do ensino deslocando a frase, e sua gramática para segundo plano.

Entretanto, como já foi dito neste trabalho, esta virada ainda não é uma realidade na concepção de linguagem postulada pela escola, menos ainda nas práticas de produção textual. De acordo com Britto (2002), uma situação bem comum na produção textual observada em aulas de LP constitui-se em:

[...] caracterização da redação escolar enquanto um gênero escolar, que se subdivide em dissertação, narração e descrição, desvinculado do exercício efetivo de leitura e escrita, que se realiza no interior de uma disciplina. (...) A concepção subjacente é a de que leitura e escritura são habilidades independentes do domínio dos discursos que portam e que o sujeito pode adquiri-la com treino e assimilação de regras. (BRITTO, 2002, p. 108-109)

Através da questão apontada acima, percebe-se o deslocamento da prática de escrita do aluno do seu contexto social, a caracterização mencionada pelo autor constitui os gêneros escolarizados³ que têm por objetivo treino. A própria terminologia adotada “redação escolar” traz implícita a idéia de uma escrita para fins de treinamento. Parte-se do pressuposto de que, ao dominar uma determinada estrutura, garantir-se-á ao estudante o domínio de qualquer texto que, supostamente, tenha a mesma estrutura textual. Tal posicionamento pode ser questionado, uma vez que fora dos domínios escolares dificilmente será solicitado ao estudante que faça uma narração ou uma descrição; quanto à dissertação será talvez solicitado em concursos e vestibulares, que por sua vez, já estão adotando os gêneros do discurso.

Dentro desta discussão, Geraldi (1993) estabelece uma dicotomia entre produção textual e o ensino de redação. Segundo o autor, ao trabalhar com redação os textos são produzidos para a escola; já na perspectiva da produção textual produzem-se textos na escola. Em qualquer modalidade, para se produzir um texto é necessário que: *se tenha o que dizer, se tenha uma razão para dizer, se tenha um interlocutor desse dizer*. Na produção de textos, mesmo em uma simples conversa cotidiana, o projeto discursivo se apresenta, ou seja, o interlocutor tem algo a dizer, tem um

discurso a materializar, enquanto que na redação o projeto discursivo inexiste. Dessa maneira, percebe-se nas redações muita escrita e pouco texto (pouco discurso), pois o projeto discursivo não está claro para o estudante (GERALDI, 1993).

Ao propor um texto sem que se tenha o que dizer e, principalmente, para quem dizer - interlocutores reais - a atividade se desenvolve mecanicamente. Exercícios de escrita a partir da observação de uma gravura, sem o estabelecimento de uma interação, sem que o estudante tenha algo relevante a dizer constituem atividades de preenchimento. Exercícios de redação que o preparam para um depois, e não para uma relação interdiscursiva, mostram-se artificiais e infrutíferas na construção de sujeitos-autores de seus textos, e produtores de sentidos e discursos.

Com relação à idéia de preenchimento, Britto (2002, p. 109) referencia a pesquisa de Lemos (1977) com redações de vestibular: “*o vestibulando, premido pela necessidade de escrever, trata de preencher o papel com frases de efeito, noções vagas e de valor absoluto, ao invés de engajar-se em uma linha argumentativa própria*”. Dessa maneira, esse espaço de escrita restringe o desenvolvimento da subjetividade do estudante, tomando a produção escrita como uma habilidade relacionada ao treino e assimilação de regras. A estratégia do preenchimento está, pois, ancorada na total ausência de um interlocutor definido a quem se tem algo real a dizer.

Para Rodrigues (1999, p. 99) “*o ensino de produção textual, centrado em uma tipologia textual formal (narração, descrição, dissertação) aponta para a falta de uma prática de aprendizagem centrada nos processos discursivos*”. A partir desse panorama teórico-metodológico surge a proposta teórica enunciativista propondo como unidade de ensino os gêneros do discurso. Não mais o texto enquanto estrutura tipológica, mas o gênero na perspectiva sócio-discursiva, despontando como uma possibilidade para o trabalho de produção textual mais significativo. Muitas pesquisas têm se desenvolvido em LA dentro desse escopo, privilegiando as relações discursivas na produção de texto Rossi (2002), Rojo (1996); outros trabalhos propõem a elaboração didática de alguns gêneros Haeser (2005), Bussarello (2005), enfim abre-se um caminho novo e de grande potencial heurístico para novas abordagens de ensino de língua, sobretudo, de produção textual.

Após as inferências teóricas sobre a prática de produção escrita escolar, far-se-á a apresentação da análise dos procedimentos de didatização em relação e das produções textuais escritas de estudantes. Procurou-se, através desta análise, perceber a maneira como a *teoria dos gêneros do discurso* tem sido interpretada nas aulas de LP.

O TRATAMENTO DIDÁTICO DOS GÊNEROS NAS AULAS DE LP

Para uma análise da didatização dos gêneros, foram observadas aulas de turmas de 7^a e 8^a séries do EF (8 aulas em cada turma durante o mês de outubro/2007). A

maioria das aulas foi dedicada a exercícios estruturais de gramática. Em uma dessas ocasiões, a professora iniciou a aula a partir de correção de exercício estrutural de colocação pronominal em orações isoladas, solicitou aos alunos que lessem e dissessem a posição do pronome em relação ao verbo e justificassem o uso. Na seqüência, a professora disse ao grupo que iriam trabalhar produção textual e solicitou-lhes que abrissem o livro didático. Iniciou-se a leitura do tópico de proposta de produção textual (alguns alunos leram para o grupo). A condução da proposta girou em torno de dez minutos. A leitura indicada pelo LD “serviu” de alimentação temática para a proposta que viria a seguir: “*Você é a favor do Clone? Com base nos textos lidos escreva um texto dissertativo*”. A professora solicitou aos estudantes que fizessem um rascunho no caderno e depois “passassem a limpo”.

Na condução didática da aula não houve explanação dos diferentes gêneros lidos no LD (charge, entrevista, carta do leitor), não houve discussão da temática, não se observou a presença de material alternativo; verificou-se a direção do LD como condutor da aula; a intervenção pedagógica foi mínima. Durante a aula, percebeu-se: 1. o desinteresse do grupo, alguns perguntavam aos colegas: “- é pra fazer de acordo com o livro ou o que a gente pensa.” Resposta: “- os dois; pega o modelo do livro.” 2. a presença de perguntas recorrentes em aulas de LP: “Vale nota professora? E pra entregar nesta aula? Como começo? Pode mudar o título? Tais questionamentos dos estudantes revelam uma perspectiva de texto perpetuada pela escola: a) escrita de texto com objetivo de correção de “erros” gramaticais; b) o que os estudantes têm a dizer é irrelevante; c) tem-se um modelo a seguir. A aula de produção textual ocorreu em pouco mais de 30 minutos; não houve discussão por parte dos alunos. Ao questionar os estudantes sobre a freqüência com que escrevem textos, foi relatado que as produções escritas são bem escassas em relação aos conteúdos gramaticais. Ou seja, não é uma prática priorizada.

Em outra ocasião, mas desta vez na turma da 7ª série, cujos trabalhos serão analisados na seqüência, também houve produção textual. Contudo, ao invés de um gênero escolarizado, foi trabalhado um gênero discursivo pertencente à esfera jornalística - o *anúncio classificado*. De maneira semelhante à aula de produção de texto da 8ª série, a professora solicitou que o grupo abrisse o livro na página em que constava a proposta de produção textual. A aula de produção textual, considerada nesta pesquisa como tratamento didático da produção textual escrita, transcorreu da seguinte maneira: a professora, rapidamente, fez a leitura do livro e lançou a proposta: “*Vocês serão vendedores irão montar classificados. Ao final da aula entregar em uma folha. Leiam as instruções do livro*”; o encaminhamento da proposta de escrita levou aproximadamente dez minutos.

Foi interessante observar que o LD apresentava dois exemplos de anúncio classificado, contudo, somente o primeiro foi lido com o grupo. Na seqüência do primeiro classificado, o LD propõe uma atividade de análise do gênero, porém tal atividade foi desconsiderada pela professora, o que, a nosso ver, constitui-se em perda, pois, a partir dessa atividade, o grupo poderia ter uma caracterização do gênero mais acurada para posterior produção. Em nenhum momento os estudantes foram instigados a refletir sobre as condições de produção e de circulação de um classificado, ou seja, quem escreve esse gênero discursivo? Com que finalidade?

Onde? Quando? Como? Com base em que informações? Quem lê esse gênero? Como o classificado surgiu? Onde circula? Enfim, questões que levariam os estudantes a refletir sobre o que estão lendo e o que escreveriam posteriormente. É interessante ressaltar que nem mesmo as características textuais e verbais dos classificados foram abordadas. Em trabalhos produção textual a partir da perspectiva dos gêneros discursivos seria interessante apresentar o jornal aos alunos que eles tivessem um contato com o gênero em seu suporte original; dessa maneira, os estudantes poderiam inferir a importância dos classificados no jornal de acordo com sua localização no espaço do jornal, perceber os objetos mais anunciados: o que pode ser alugado, comprado, vendido, enfim percepções oportunizadas somente pelo suporte original.

Para que o aluno seja um leitor proficiente na leitura de determinado gênero discursivo e para que, posteriormente, possa produzi-lo em uma situação concreta de enunciação, deve-se oportunizar ao estudante o contato com o gênero. É imprescindível, para apropriação do gênero, que se façam várias leituras, reflexões, exploração do gênero proposto; a leitura somente de um modelo a seguir em nada ajudará o estudante no momento da compreender o funcionamento discursivo do gênero. E ainda mais se tratando de classificados, pois não há maiores dificuldades de acesso, principalmente, em um colégio da rede particular que possui laboratório de informática com acesso à Internet. O grupo poderia ler anúncios classificados de jornais virtuais, dessa forma, além de perceber um outro suporte (digital), a tecnologia poderia ser utilizada nas aulas de LP de forma interativa.

Outra questão relevante a ser discutida sobre a didatização do gênero é a circulação dessa escrita. Por que não fazer anúncios classificados “reais” a partir de objetos pertencentes aos alunos? A professora poderia propor a venda, troca e compra de objetos dos próprios alunos e anexar no mural da escola. A proposta do “faz de conta” não se sustenta mais, tendo em vista as novas orientações didáticas para o tratamento do gênero, conforme explorando na fundamentação teórica desta pesquisa.

Com a permanência de procedimentos didáticos como o que foi aqui relatado, a escrita do aluno continua nos moldes tradicionais, aprisionados, sem interlocutor real e sem uma função discursivo-axiológica que confira ao “dizer” do aluno um indício de autoria e subjetivação. Então, novamente volta-se à questão, por mais que sejam mencionados nas aulas de LP, os gêneros do discurso estão longe de serem abordados em sua dimensão sócio-discursiva. Na atividade aqui relatada, percebeu-se que o gênero anúncio classificado foi novamente escolarizado.

A ARTICULAÇÃO ENTRE O TRATAMENTO DIDÁTICO DO GÊNERO E A PRODUÇÃO TEXTUAL ESCRITA DOS ESTUDANTES

Com dito anteriormente, foram analisados textos escritos produzidos pelos estudantes da 7ª série cujas condições de produção foram relatadas anteriormente. A partir das observações do tratamento didático dispensado à produção do gênero

anúncio classificado, em que foi perceptível que os procedimentos didáticos não foram norteados pela teoria dos gêneros do discurso em sua essência, as produções escritas se apresentaram dentro do esperado, ou seja, em sua maioria, mostraram-se distante da caracterização típica do gênero anúncio classificados.

Primeiramente, observou-se que a produção textual não foi antecedida por uma leitura crítica do gênero, ou seja, os estudantes não entraram em contato com o anúncio classificado no suporte jornal. Apesar de já conhecerem o gênero, é fundamental para o desenvolvimento do trabalho com a teoria dos gêneros que se realize uma leitura analítica do objeto em questão. Tal leitura possibilitaria ao estudante a percepção das situações de produção do gênero; os interlocutores envolvidos; a esfera sócio-discursiva⁴ em que circula o gênero em estudo; as características lingüístico-textuais do anúncio. Enfim, o gênero é apontado pelos PCN's como objeto de ensino-aprendizagem nas aulas de LP para as práticas de leitura, de escuta e de escrita, contudo, é fundamental que o professor, ao inserir esse objeto de ensino-aprendizagem de língua, tenha em mente que a leitura analítica do gênero também é de suma importância no processo de ensino, ou seja, fazer com que o estudante seja um leitor efetivo do gênero, interaja com o gênero, para que assim possibilite uma produção do gênero em estudo.

Para presente análise, foram analisados 17 textos do gênero (anúncios classificados) dos quais foram selecionados três para esta discussão. A escolha se deu a partir do critério de aproximação do gênero. Assim, o primeiro texto é o que mais se aproxima do gênero anúncio classificado tanto no que se refere à: discursividade do gênero e características lingüístico-textual; no segundo texto, tem-se uma aproximação mediana e, por fim, no terceiro texto selecionado, percebe-se um distanciamento das características típicas do gênero anúncio classificado.

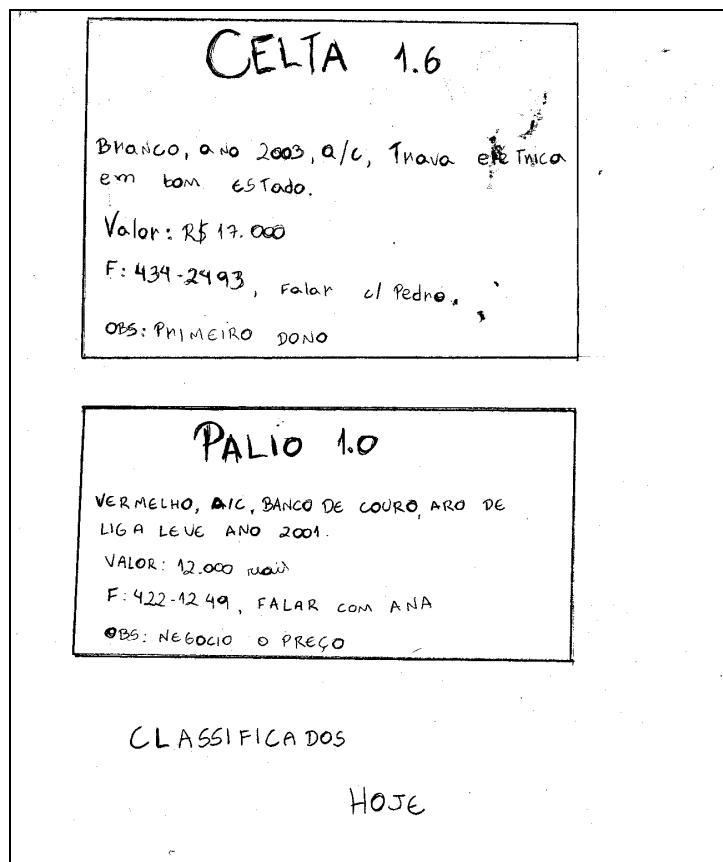


Figura 1 - Anúncio Classificado 1.

O primeiro classificado mostra-se mais próximo a um anúncio; do ponto de vista da diagramação o estudante tentou reproduzir as características elementares do gênero, evidenciando o produto que se quer vender, alugar ou comprar, neste caso, um veículo. Na diagramação, o estudante utilizou letras em maiúsculo e negrito, o que confere destaque à finalidade principal do anúncio: a divulgação da venda de um automóvel. Ainda nessa perspectiva, observou-se que o estudante apresenta seus anúncios em boxes, que pode ser interpretada como uma tentativa de reproduzir o padrão do jornal e também do exemplo proposto pelo LD. As demais informações aparecem em forma simplificada, o que é típico do gênero, devido ao espaço reduzido e o custo de se publicar em jornais, geralmente avaliados pelo número de linhas. Na perspectiva discursivo-axiológica, o anúncio se mostra adequado ao gênero, pois as informações como cor, ano e preço do veículo anunciado, bem como o telefone de contato da pessoa que está vendendo constam no anúncio, enfim há a inserção de dados fundamentais, presentes nesse gênero, que se constituem como “peças” fundamentais para que se cumpra a finalidade discursiva do gênero.

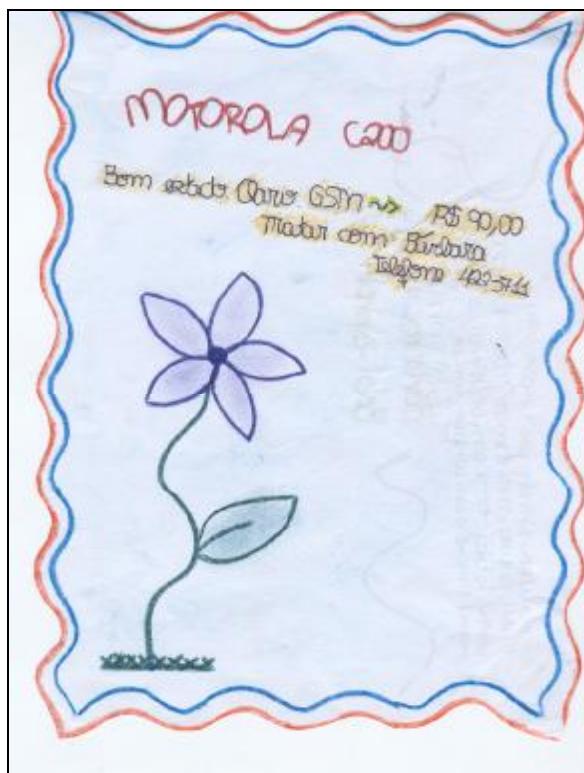


Figura 2 - Anúncio Classificado 2.

O anúncio classificado 2, por sua vez, revela uma aproximação mediana com o gênero trabalhado, pois ao analisar a perspectiva discursivo-axiológica, percebe-se a inserção das informações necessárias para que se cumpra o propósito discursivo do gênero, ou seja, o produto a ser vendido (celular) é apresentado de maneira destacada, bem como o preço e contato da pessoa que vende o produto. Porém, já com relação ao aspecto lingüístico-textual, o texto está distante das características típicas desse gênero; tanto o desenho de uma flor quanto o excesso de cores não trazem ao leitor a impressão de estar lendo um anúncio classificado. O estudante percebeu as características discursivas, entretanto, “escapou-lhe” a percepção do aspecto lingüístico-textual.

Assim, os estudantes que mais se aproximaram do gênero no aspecto lingüístico-textual e nas características discursivas, o fizeram, primeiramente, “por seguir o exemplo” do LD e também de leituras prévias do gênero, mas não a partir leituras analíticas realizadas em sala de aula, pois estas, como dito anteriormente, inexistiram.

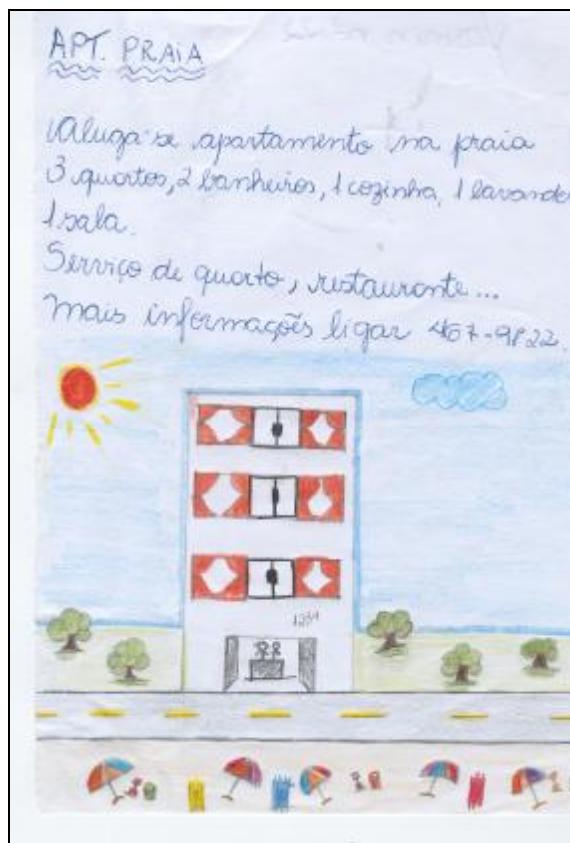


Figura 3- Anúncio Classificado 3.

Por fim, com relação ao anúncio classificado 3, a primeira questão a ser pontuada é a enorme distância entre um anúncio classificado de real circulação e o texto produzido pelo estudante no que tange ao aspecto lingüístico-textual. O estudante tenta retratar através de desenho a casa que seria alugada; ao desenhá-la, ele pode estar se referindo as fotografias que alguns anúncios trazem na seção de imóveis, ou até mesmo uma relação com o gênero propaganda publicitária, mas o que fica perceptível é a que a apresentação visual se mostra bastante distante de um anúncio classificado. Já na perspectiva discursiva, o anúncio se mostra um tanto confuso, pois o objetivo é anunciar uma casa de praia disponível para ser alugada, porém, após caracterização da casa, propõe o serviço de quarto e restaurante, ou seja, características de um hotel e não de uma casa de praia a ser alugada. Isso mostra que o estudante, ao produzir seu texto, não conhece o funcionamento discursivo do gênero bem como lhe falta uma leitura mais aprofundada do mesmo, não tendo claro o que de fato quer anunciar e qual o repertório lingüístico necessário para fazê-lo. Primeiramente, percebe-se que ao realizar a atividade não se tem claro o objetivo discursivo, o que nos leva a pensar que se talvez a proposta partisse de uma situação real como, por exemplo, anexar no mural do colégio anúncios dos estudantes, em que eles pudessem anunciar objetos que quisessem trocar, vender, comprar (álbums de figurinhas, Cd's, livros, revistas, etc.), os estudantes teriam um objetivo discursivo definido e, dessa maneira, poderiam, de fato, interagir a partir desse gênero.

Os três textos selecionados apresentam, em certa medida, o conhecimento prévio que os estudantes já possuíam sobre o gênero, uns mais e outros menos, e, principalmente, revelam a intervenção pedagógica realizada em sala de aula, ou melhor, revela a falta de uma abordagem de gênero em sua essência discursiva e lingüística. Ficou evidente a necessidade de levar o grupo a refletir sobre o gênero em sua plenitude, tendo em vista que, a partir de uma leitura crítica do gênero trabalhado, seria possível levar os estudantes a uma percepção da dimensão discursiva (social) do gênero, como também a dimensão verbal do gênero, que envolve os aspectos lingüístico-textuais. Segundo Rodrigues (2005, p.9), “o enunciado é composto por duas dimensões inextricáveis: dimensão verbal-textual e a dimensão social”. Ambas as dimensões precisam ser levadas em consideração no trabalho com o gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A teoria dos gêneros do discurso tem sido apontada como uma área fértil em pesquisas de LA, entretanto, ainda há lacunas entre as pesquisas publicadas (e discutidas) em espaços acadêmico-científicos e as concepções didático-pedagógicas que circulam na escola. O objetivo desta pesquisa foi justamente “pinçar” alguns indícios que apontem para a percepção que se tem, no âmbito escolar, sobre o trabalho com os gêneros do discurso.

A partir dessa análise, percebeu-se que, não raras vezes, a teoria dos gêneros do discurso tem sido interpretada (e, por isso, didatizada) novamente como uma *categoria de textos*. O trabalho com o gênero na escola ainda não extrapolou a dimensão textual, a questão discursiva do gênero é posta de lado, parece ainda um “terreno escorregadio” e difícil de ser trilhado pelo professor de língua materna. E conforme a base teórica deste trabalho (teoria dos gêneros de base bakhtiniana) a noção de gênero só pode ser apreendido dentro de um arcabouço teórico maior que se constituem de conceitos como: dialogismo, enunciado e discurso. Para Bakhtin, não há como descolar a teoria dos gêneros da noção de interação social que se dá por meio das atividades humanas.

Dessa maneira, percebeu-se a necessidade de propiciar ao professor de LP o cesso aos trabalhos de elaboração didática desse novo objeto de ensino - o gênero. Muito ainda há para ser trilhado pela LA no trabalho com gênero, segundo Faraco (2001) deve-se reconhecer Bakhtin não somente em sua importância histórica, mas, sobretudo, no poder heurístico de suas idéias. A partir do momento que a teoria dos gêneros for compreendida em sua essência na esfera escolar e suas elaborações forem condizentes com a referida teoria, há a possibilidade de práticas didático-pedagógicas mais frutíferas no campo da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M.; VOLOSCHINOV, V. N.. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F. Vieira 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BONINI, Adair. Metodologias do ensino de produção textual: a perspectiva da enunciação e o papel da Psicolinguística. *Perspectiva – Revista do Centro de Ciências da Educação da UFSC*, Florianópolis, v. 20, n.1, p. 23-47, jan.;jun. 2002.
- BRASIL, SEF. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. *A sombra do caos: ensino de língua x tradição gramatical*. Campinas, SP: Mercado de Letras; ALB, 2002.
- BUSSARELO, Jorge Marcos. *O ensino aprendizagem da produção textual escrita na perspectiva dos gêneros do discurso: a crônica*. 2005. (Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina).
- FARACO, Carlos Alberto. Bakhtin e os estudos enunciativos no Brasil: algumas perspectivas. In: BRAIT, Beth (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. São Paulo: Fapesp, 2001.
- GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- HAESER, Márcia Elisa. *O ensino aprendizagem da leitura no ensino médio: uma proposta a partir de oficina com o gênero carta do leitor*. 2005. (Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina).
- LEMOS-ROSSI, Maria A. G. *Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção textual*. Taubaté: Cabral. Editora Universitária, 2002.
- RODRIGUES, Rosângela Hammes. As diferentes esferas sócio-discursivas como critério para a elaboração de currículos. *Intercâmbio*, São Paulo, v. 8, p. 93-100, 1999.
- ROJO, Roxane. Perspectivas enunciativo-discursivas em produção de textos. In CONGRESSO DE LINGÜÍSTICA APLICADA, 4 Anais... Campinas: DLA/IEL/UNICAMP, 1996, p. 285-290.
- _____. A teoria dos gêneros em Bakhtin: construindo uma perspectiva enunciativa para o ensino de compreensão e produção de textos na escola. In: BRAIT, Beth (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. São Paulo: Fapesp, 2001.

¹ Doutoranda em Lingüística Aplicada da UFSC. Integrante do GRPESQ - 'Os Gêneros do Discurso - Práticas Pedagógicas e Análise de Gêneros' e do projeto 'Estudo dos Gêneros do Discurso Jornalístico: Análises na perspectiva bakhtiniana da Linguagem inserido na linha de pesquisa 'Corpora e Gênero: Análise e Aplicações' da Pós-graduação da UFSC sob coordenação da Profª. Drª. Rosângela Hammes Rodrigues.

² Delimitou-se, nesta pesquisa, a reflexão sobre questões teóricas concernentes à prática de produção textual, tendo em vista que a análise dos três eixos (leitura, produção textual e análise lingüística) mostra-se demasiado amplo.

³ Os gêneros escolarizados são criados pela escola (narração, descrição, dissertação) distante dos gêneros que circulam socialmente, o termo no presente trabalho traz consigo uma crítica a essa prática.

⁴ RODRIGUES (1999) apresenta uma caracterização das esferas sociais em que circulam os gêneros.